

O FUTURO DA CIDADE TAL COMO VISTO POR KAFKA DO ALTO DA TORRE DE BABEL

NICOLAU SEVCENKO*

Dentre a variada e estranha coleção de pequenos contos e aforismos que Kafka nos legou, há um fragmento em especial, denominado *O Emblema da Cidade*, em que ele glosa com seu conhecido tom alegórico e profético, os destinos do projeto urbano. Não há de causar nenhuma surpresa o fato do escritor se entregar a ilações insidiosas sobre a aventura social da vida em cidades. Afinal, em grande parte de sua obra, ele se utiliza de metáforas da cidade como o núcleo temático a partir do qual expõe os mais dramáticos paradoxos do homem moderno. É esse o caso, por exemplo, de *A Construção da Muralha da China* ou *O Castelo* ou *A Colônia Penal* ou *A Construção do Templo* ou toda a sua série de parábolas relacionadas ao mito da edificação da Torre de Babel. Essa sua espécie de obstinação arquitetônica e urbanística lhe era sem dúvida insuflada pela febre da reurbanização das grandes cidades, desencadeada na Paris do Segundo Império sob a tutela do Barão Haussmann a partir de 1853, incorporada em Viena, então capital do Império Austro-Húngaro pela trinca Otto Wagner, Camillo Sitte e Adolf Loos em fins do século e chegada na Praga de Kafka ao redor da Primeira Guerra, através dos projetos arrojados de Max Urban.

No contexto desse frenesi urbanístico, todo um novo modo de vida é introduzido na Europa, envolvendo desde os amplos bulevares, com suas massas de transeuntes apressados, vitrines exuberantes, consumo ostensivo, desfiles de exibição, flâneus, até as novas praças, parques, óperas, a excitante iluminação noturna, cabarês, bares e, em breve, as velocidades alucinantes dos trens, metrô, veículos automotores, o cinema, as diversões baratas e a loucura da montanha-russa. A transformação urbana e seu impacto sobre o cotidiano e o estilo de vida das pessoas, tornou o cenário das cidades no símbolo mais evidente do apogeu da civilização européia, burguesa e liberal, constituída no esteio da Revolução Francesa e da Industrialização. Esse espírito de euforia assinalou todo o período que foi por isso mesmo conhecido pelo gracioso epíteto de *Belle Époque*.

A cidade fora transformada numa espécie de grande teatro, em que no espaço público era encenado o triunfo da ordem, da liberdade, do indivíduo, da técnica, da ciência, da razão, preconizando um futuro de abundância e paz universal. Sob essa atmosfera exaltada, poucos estraga-festas insistiam em apontar os sinais indicadores das violências, guerras e massacres que recobririam toda a trajetória do novo século. Kafka era um deles e dos mais lúcidos. Sua observação atilada ora apontava o colapso da noção do indivíduo, como em *O Processo* ou *A Metamorfose*, ora sondava os paradoxos derivados da crise da solidariedade social, como em seus textos centrados na metáfora da cidade. No momento mesmo da celebração da civilização urbana moderna, ele pressentia os impasses que ameaçavam a sobrevivência das cidades. Lendo-o hoje, pode-se avaliar a surpreendente argúcia da sua inspiração crítica e ponderar o quanto dela ainda permanece válida. Tomemos alguns excertos de seu fragmento sobre *Emblema da Cidade*:

“Argumentava-se (sobre a construção da Torre de Babel) nos seguintes termos: O essencial a semelhante empreendimento é a idéia de se construir uma torre que chegasse até o céu. Em relação a essa idéia, tudo mais era complementar. E a idéia, uma vez concebida em toda sua magnitude não pode mais ser afastada: enquanto existir a criatura humana, existirá também o desejo de levar a cabo a construção da Torre. Nesse sentido porém, não se deve de maneira alguma temer pelo futuro: ao contrário, os conhecimentos humanos ampliam-se cada vez mais, a arte arquitetônica tem progredido sempre e continuará a progredir — uma obra, que

hoje em dia nos gasta um ano, talvez possa, daqui a um século, ser feita num semestre, melhor e mais durável...”

A Torre aparece nesse trecho como a própria metáfora do projeto metafísico do Iluminismo: o sonho europeu de desencadear um processo apropriativo, cujo teor linear e progressivo não reconheceria como limite senão a transcendência sublime da suprema harmonia final — a utopia do fim da história pela eliminação de toda carência e de todo conflito. A marcha linear e inexorável da Razão reaparece aqui como a edificação vertical contínua e incan-



sável da Torre como meta coletiva. Assim como Paris foi deliberadamente transformada no palco do Iluminismo pelas próprias autoridades, através da reforma que implantou, antes mesmo da Revolução, o mais sofisticado programa de iluminação pública nas ruas e áreas centrais, metamorfoseando-a na Cidade Luz. O propósito da reforma era dotar o espaço público da máxima visibilidade, transparência, homogeneidade, garantias de um controle da ordem centralizadora e onipresente da Razão. Nesse sentido, as reformas de Haussmann no II Império e depois dele as de Hénard, Prost e Jausseley, assumem a continuidade de um desdobramento lógico, atualizando o cenário urbano com os progressos da técnica. A própria orientação geométrica, monumental e tecnológica da agressiva política urbanística atual das autoridades parisienses, se enquadra como desdobramento dessa concretização no espaço público do projeto metafísico da Razão. O mais abnegado dos representantes desse projeto porém. Le Corbusier, embora tenha atuado em Paris, foi rejeitado como um jacobino que atropelava, com seu radicalismo, o movimento natural da Razão. Seu impacto maior foi no exterior. E, nesse sentido, a mais mirífica de todas as utopias urbanas jamais construídas, foi obra de seus discípulos e foi edificada no coração tropical do Brasil, onde palpita a ousadia em concreto de Brasília.

Uma vez representada a fantasia metafísica que articula o projeto construtivo da civilização européia, Kafka se põe, ato contínuo, a ponderar sobre suas antinomias, inconsistências e impasses. A alegoria ganha densidade num movimento que ao incorporar uma vacilação cômica, acentua gravemente sua própria carga dramática. Diante da hesitação dos protagonistas desse projeto se

teriam forças e condições para levá-lo de uma vez a bom termo, o escritor assim argumenta:

“Porque, pois, atormentar-se a gente agora com a escassez de recursos? Isso só teria cabimento se houvesse esperança de erguer-se a Torre no prazo de uma geração, o que todavia de modo algum se pode esperar; deve-se antes admitir que a geração vindoura, com seus conhecimentos aprimorados, ache ruim o trabalho da geração passada e o ponha abaixo para construir de novo.”

A sutileza do comentário de Kafka é estremeceadora. Ao supor a

mudança do projeto com o passar das gerações e a transformação das técnicas, ele confronta a intemporalidade do plano metafísico com as contingências imprevisíveis das circunstâncias históricas. E então podemos vislumbrar, com uma clareza cristalina, o contrasenso de pretender condicionar a estrutura e a fisionomia das cidades a uma Razão modeladora que existe fora do tempo e por sobre todo o espaço. As cidades e seus habitantes são entes concretos. Mas as cidades tendem a durar mais que o tempo de vida das pessoas. Assim, sob condições de aceleração tecnológica como nos tempos modernos. O desenho espacial que uma geração concebe como capaz de ampliar as liberdades a uma outra, com outros recursos, parecerá sufocante, inadequado ou obsoleto. Nesse sentido, quanto maior intervenção ou modelação estrutural do espaço coletivo, maiores os entraves para o futuro.

A não ser que se incorpore o futuro no plano como uma imponderabilidade significativa, a fim de garantir a legítima liberdade de ação e opção das novas gerações. Mas isso significa abdicar do privilégio da ação executiva integral. O que farão as gerações futuras, por exemplo, com as pirâmides em frente ao Louvre ou com o Carnaby Wharf assolando os céus de Londres? Porão tudo abaixo para construir seus próprios mega-tótems históricos, que serão derrubados por outros e outros...? É natural na existência das cidades, que elas se componham como colchas de retalhos históricos. A violência consiste precisamente na tentativa de negar suas descontinuidades históricas e pretender reduzi-las a padrões espaciais e temporais homogêneos, contínuos, estáveis e consolidados. Concebida assim, a Torre desaba esmagada pelo peso da sua própria arrogância unitária.

Mas retornemos ao bom Kafka. Sua sabedoria contínua açulando nosso bom senso urbanóide. O poeta se dá conta de que afora os aspectos arquitetônicos e urbanísticos da edificação da Torre, o fundamental consiste na preservação dos laços de solidariedade dentro os membros da comunidade cidadina. O suposto básico da vida nas cidades é a garantia de um substrato elementar de dignidade, que torna seus habitantes mais que meros moradores e faz deles cidadãos. “O ar das cidades liberta”, como se dizia na Idade Média, quando os servos fugiam dos feudos para se emanciparem nas cidades, Kafka porém manifesta profundas preocupações quanto a esse destino emancipador. Suas reflexões nesse sentido são de uma alarmante atualidade:

“Tais pensamentos tolham qualquer esforço e ainda mais do que com a Torre os homens começaram a afligir-se com a edificação da vila operária. Cada nação queria para si as melhores posições, donde surgiam desavenças que chegavam a degenerar em sangrentos combates. Essas lutas não tinham fim e forneciam aos líderes um novo argumento: que, por faltar a indispensável harmonia, a Torre haveria de erguer-se muito devagar ou só mesmo após a instauração da Paz Universal. Mas não apenas em lutas aplicava-se o tempo: nas tréguas a cidade embelezava-se, o que afinal gerava novas invejas vingando em novos conflitos. Acrescente-se a isto, que já a segunda ou terceira geração considerava insensatez a construção de uma torre até o céu; mas já estavam todos demasiados comprometidos, para abandonarem o lugar.”

O FUTURO DA CIDADE TAL COMO VISTO POR KAFKA DO ALTO DA TORRE DE BABEL

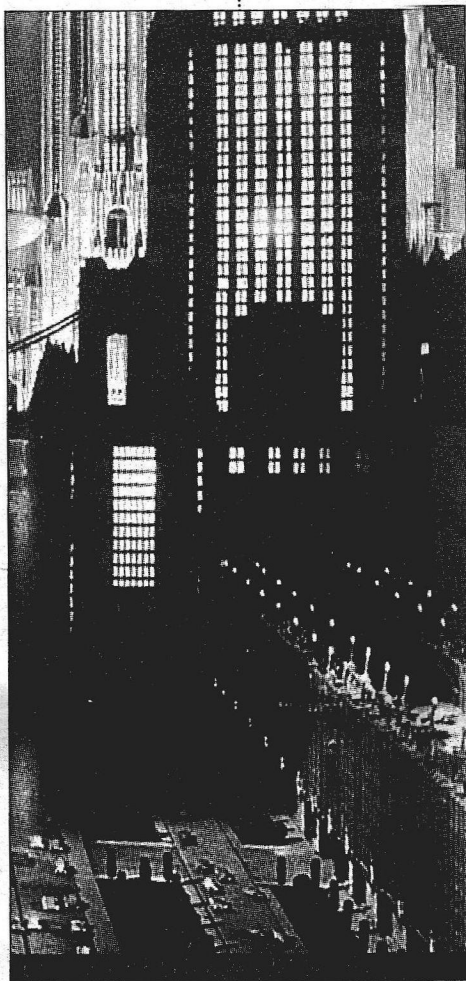
Kafka introduz aqui o tema da segregação espacial e social dentro da cidade como o cerne do mal-estar que haveria de tornar a sua atmosfera irrespirável e comprometeria por completo a grandeza de seu projeto original. Tendo prometido a cidadania, a cidade acabou criando o subcidadão ou ainda pior, o ser humano degradado. Esse cenário da cidade dividida, inconciliável e em confronto, tácito ou direto, com taxas menores, maiores ou extremas de violência, é hoje uma realidade por quase todo o mundo, mas muito especialmente é o estigma trágico do Terceiro Mundo. A metade afluyente se tranca entre grades, guardas, guaritas, cães, armas e alarmes: é a cidade-prisão. A outra, divide as ruas entre gangues ou ocupa as áreas públicas e devolutas com barracos de madeira ou caixas de papelão, disputando os resíduos vazados da abundância: é a cidade-flagelo. O gigantesco Cristo de pedra aponta para cada uma delas do alto do Morro do Corcovado.

A parte final da reflexão de Kafka nesse trecho assinala contudo o aspecto mais espantoso dessa situação. Não é a guerra fratricida entre os concidadãos a constatação mais grave, mas o conformismo e resignação que ela gera ao implodir a utopia solidária do projeto urbano. Se o ideal de atingir o céu era ilusório, ele pelo menos comportava a esperança latente do sublime, da harmonia, da justiça e da paz. Ao abandonar essa meta, ao dar por irremediável, por definitivo e portanto aceitável esse cenário, a cidade não estaria apenas cindindo a humanidade, mas instituindo sua própria versão do Prometeu Acorrentado. Uma versão por certo que menos épica, mas sem dúvida muito mais trágica porque vivida, cotidiana e banal.

"Em tudo que nessa cidade passou ao domínio das lendas e canções", prossegue Kafka, "pesa a nostalgia de um dia (profetizado) em que a cidade seria arrasada por cinco sucessivos golpes de

um punho formidável. E é por isso que a cidade exhibe um punho em seu emblema."

Movimento final na demarcação da sua ironia, Kafka figura a cidade sob a paranóia apocalíptica do poder esmagador. Afinal, não foi no ambiente das cidades que surgiram as formas mais concentradas e abusivas de poder? O Império, o Trono, o Altar, o Laboratório, a Inquisição, o Quartel General, a Academia, o Escritório, a Oficina, o Tribunal, a Publicidade, o Museu, a Galeria, o Conservatório, a Biblioteca, a Imagem Virtual, não estão todos sediados na cidade? E além das divisões fratricidas internas, pelo lado exterior também não concorrem as cidades entre si, estabelecendo hierarquias de dominação e subserviência? A linguagem que elas falam entre si não poderia, no limite, ser resumida pela imagem inapelável do grande punho? Na luta para chegar ao céu primeiro, elas não são levadas a crer que lhes faltarão tijolos se não souberem ou puderem tirar os tijolos das outras? Não é o medo de levar cinco punhaços arrasadores que as leva a pintar a manopla terrível num estandarte e exibí-lo ameaçadoramente às outras? É impossível deixar de lembrar, nesse contexto, a pesada braceadeira de armadura de ferro que é o



emblema da cidade de São Paulo, reforçada por uma faixa esvoaçante que proclama: "Conduzir, não ser conduzido". Kafka talvez perguntasse, "pois não, irmão, mas poderia saber para onde se vai com tanta pressa?"

O que me faz acreditar nessa pergunta kafkiana, é o arremate que ele dá ao seu texto, exorcizando todo e qualquer conteúdo pessimista que se pudesse ter derivado de suas cogitações sobre o destino da cidade. Fica claro, ao final, o percurso do autor. Não é o projeto da Torre que é equivocado, se o que ele comporta é o desejo de levar os homens a beijarem o céu, por mais que saibam consciente e logicamente que isso é impossível. Pode ser impossível, mas é generoso, é sublime e é para todos. O problema começa quando a tarefa se torna mais importante que o fim, quando a obra em si e não o prazer do beijo se torna a motivação do projeto. Se a cidade abandona a motivação do desejo e o erotismo da solidariedade humana, então ninguém mais haverá de falar a mesma língua e do alto da Torre será hasteada a bandeira com o punho cerrado, pois, arremata o implacável Kafka:

"Tivesse sido possível construir a Torre de Babel sem trepar nela, e a sua construção teria sido consentida."

* Professor do Departamento de História da FFLCH da Universidade de São Paulo. Membro do grupo de estudos de História da Cultura do Instituto de Estudos Avançados da USP e do Centro de Estudos de Cultura Latino-Americana do King's College da Universidade de Londres. Seu último livro é *Orfeu Extático na Metrópole*, São Paulo sociedade e cultura nos primeiros anos 20. (Cia das Letras). O texto de Franz Kafka utilizado foi *Parábolas e Fragmentos*, Edições de Ouro, Rio de Janeiro, Tradução de Geir Campos.